

Encontro de Saberes: o espírito do tempo e o estado da arte de uma proposta de transformação social

Letícia C. R. Vianna¹

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.58015>

Resumo: Este artigo traz uma atualização do estado da arte do movimento Encontro de Saberes – um movimento de descolonização e contracolonização, visando a pluralidade epistêmica no ambiente da universidade brasileira, através da inclusão de mestras e mestres dos saberes tradicionais populares, oriundos de sociedades indígenas, comunidades de terreiro, quilombolas, agroextrativistas, grupos urbanos de diferentes culturas e demais povos tradicionais para atuarem como docentes e pesquisadores nas universidades. Por um lado, observa-se o *estado da arte* do Encontro de Saberes enquanto movimento de inclusão epistêmica e inovação curricular, complementar e integrado à política de inclusão étnico-racial por meio de cotas na discência, docência, pesquisa e administração da universidade. Por outro lado, observa-se este movimento integrado ao *espírito do tempo* de processo revolucionário à luz da teoria da revolução de Álvaro Garcia Linera.

Palavras-chave: Encontro de Saberes; universidade pluriepistêmica; revolução

Encuentro de Saberes: el espíritu de la época y el estado del arte de una propuesta de transformación social

Resumen: Este artículo trae una actualización del estado del arte del movimiento Encuentro de Saberes – un movimiento de descolonización y contracolonización, que apunta a la pluralidad epistémica en el entorno de la universidad brasileña, a través de la inclusión de sabedores del conocimiento popular tradicional, provenientes de sociedades indígenas, comunidades de religiones afrobrasileñas, marrones, agroextractivistas, grupos urbanos de diferentes culturas y otros pueblos tradicionales para actuar como docentes e investigadores en las universidades. Por un lado, observamos el estado del *arte* del Encuentro de Saberes como un movimiento de inclusión epistémica e innovación curricular, complementario e integrado a la política de inclusión étnico-racial a través de cuotas para estudiantes, profesores, investigadores y administración universitaria. Por otro lado, se observa este movimiento en el contexto del *espíritu del tiempo* del proceso revolucionario, a la luz de la teoría de la revolución de Álvaro García Linera.

Palabras clave: Encuentro del Saberes; universidad pluriepistémica; revolución

¹ Letícia C. R. Vianna. Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Antropóloga, pesquisadora do INCTI/UnB/CNPq. E-mail: viannaleticia@hotmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-7146-3921>

Recebido em 07/04/2023, aceito para publicação em 27/06/2023 e disponibilizado online em 01/09/2023.

Meeting of Knowledges: the spirit of the time and the state of the art of a proposal for social transformation

Abstract: This article offers an update of the state of the art of the Meeting of Knowledges movement – a movement of decolonization and counter colonization, aiming at the epistemic plurality in Brazilian universities, through the inclusion of masters of popular traditional knowledges, coming from indigenous societies, Afro-Brazilian communities, marrons, agroextractivists, urban groups of different cultures and other traditional peoples to act as teachers and researchers in the universities. On the one hand, we observe the state of the art of the Meeting of Knowledges as a movement of epistemic inclusion and curricular innovation, complementary and integrated with the ethnic-racial inclusive policy through quotas for students, professors, researchers, and university administration. On the other hand, this movement is observed in the context of the spirit of the time of revolutionary process in the light of the theory of revolution of Álvaro Garcia Linera.

Keywords: Meeting of Knowledges; pluriepistemic university; revolution.

Encontro de Saberes: o espírito do tempo e o estado da arte de uma proposta de transformação social

O Encontro de Saberes

O Encontro de Saberes é um movimento iniciado em 2010 a partir da Universidade de Brasília. É uma proposta de reflexão e construção de conhecimentos teóricos-conceituais e práticos com vistas à transformação concreta das estruturas do pensamento científico e da estrutura burocrática administrativa que têm regido o mundo acadêmico-universitário. Conforme José Jorge de Carvalho², idealizador do Encontro de

Saberes, a universidade brasileira é bastante empobrecida, limitada, dependente do modelo eurocêntrico de ciência e universidade – que é em essência mono-epistêmica, monocultural, mono-étnico-racial, monolíngue; adoecida por relações competitivas e tóxicas; subserviente ao imperialismo e capitalismo na sua forma contemporânea do neoliberalismo. Esta realidade da academia científica limita a expansão do conhecimento sobre a complexa realidade brasileira; bem como impede os equacionamentos,

² Para a crítica ao modelo universitário e teoria do Encontro de Saberes e as suas propostas de superação do eurocentrismo, ver CARVALHO (2018,2019,2020c,2023); CARVALHO e FLÓREZ, 2014; CARVALHO e VIANNA 2020; ALBERNAZ e CARVALHO,

2022. Sobre adoecimento do ambiente acadêmico ver CARVALHO, KIDOALE, COSTA, 2020.

encaminhamentos e soluções para que possamos alcançar soberania e um pacto civilizatório baseado na pluralidade e equidade em nosso país. A proposta do Encontro de Saberes é proporcionar a presença de mestres e mestradas das tradições populares, quilombolas, povos e comunidades tradicionais, de terreiro, nações indígenas, como docentes e pesquisadores nas universidades para transformar o ambiente mono, ou uni, em um ambiente pluri: pluriversidade étnico-racial-epistêmica-cultural – um lugar onde se cultiva a convivência, interlocução, transdisciplinaridade, criação, experimentação, inovação e transformação das estruturas excludentes, desiguais, limitantes intelectualmente e impeditivas da soberania intelectual e política em nosso país.

Nesse sentido, o movimento realiza e concretiza um processo de descolonização do pensamento e práxis acadêmicas a partir da experiência de ensino, aprendizagem, pesquisa científica e gestão administrativas por meio do fundamental, porém difícil, exercício da convivência com a diferença, com o diverso, com o plural. Trata-se, pois,

de uma práxis descolonizadora que se dá a partir da universidade pública; mas que nos médio e longo prazos trará efetividade na transformação da sociedade como um todo. Pois a universidade é o lócus da formação de docentes, pesquisadores e técnicos que servirão ao Estado e à iniciativa privada – e que, então, terão tido a formação para uma mentalidade pluriépistêmica, aberta à interlocução intercultural e inovação na pesquisa e na prática profissional. Nestes termos, o Encontro de Saberes é um movimento confluyente com as lutas e os processos revolucionários em nosso continente, tal como enunciados por Álvaro García Linera (2020). Processos estes que vão se dando no sentido da transformação do aparato estatal com a gestão compartilhada entre diferentes povos, comunidades e segmentos que habitam os territórios/países; processo em estado avançado na Bolívia.

O Estado da Arte

O Encontro de Saberes foi inicialmente implementado em 2010 pelo INCTI/UnB/CNPQ – idealizado e coordenado pelo professor José Jorge de Carvalho em parceria com o

Ministério da Cultura (MinC), por meio de uma experiência piloto na UnB. Os INCTs compõem um programa do CNPQ e são centros de excelência em pesquisa e inovação científica em várias áreas do conhecimento. O INCTI é o Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, que está à frente de estudos e ações no âmbito da inclusão étnico-racial e inclusão epistêmica no ensino superior nas universidades brasileiras. Esta parceria inicial com o MinC foi, então, instituída para atender às demandas de representantes de diversos segmentos das culturas populares, para que seus saberes fossem valorizados e ensinados nos ambientes da educação formal por meio da transmissão direta dos mestres e mestras. Esse pleito foi colocado, junto com outros, na Conferências Setoriais de Culturas Populares e nos I e II Seminários de Culturas Populares (2005 e 2006); e foi estabelecido no plano de metas para o MinC, na gestão de Gilberto Gil durante o governo de Lula da Silva.

Os mestres e mestras e os representantes das culturas populares presentes nos seminários denunciavam a expropriação,

canibalização e espetacularização de suas expressões culturais pela indústria do entretenimento e, também, a expropriação de seus saberes durante os séculos de colonialismo e as décadas de vida republicana mais recente. Eles mostraram a determinação na expressão da tomada de consciência da importância e valor de seus conhecimentos e mostraram que deveriam levar seus saberes ao ensino formal sem intermediários. Os referidos seminários proporcionaram uma escuta do Estado, que deu encaminhamento a esta demanda específica, dentre outras verificadas, através da implementação do Projeto Encontro de Saberes com o apoio do MinC. No decurso do tempo foram estabelecidas parcerias do INCTI também com o Ministério da Educação (MEC) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF). E houve uma significativa expansão, ainda em curso, por muitas universidades brasileiras, em diferentes departamentos que buscaram os meios de realização da proposta.

Desde então o termo "mestre" adquiriu potência para o estabelecimento de interlocução entre

Estado e os diversos segmentos e povos e comunidades que constituem a sociedade brasileira. O termo mestre passou a ser, então, considerado uma categoria das políticas públicas federais no âmbito da cultura – como por exemplo as edições do Prêmios para Mestres das Culturas Populares, a Lei de Mestres, em tramitação no Parlamento; e dentre essas políticas, o Encontro de Saberes.

Mestre e Mestra no Programa Encontro de Saberes é uma categoria central, descritiva e analítica – sinônimo de outros termos usados no mesmo sentido entre povos e comunidades tradicionais, para designar aquele que é reconhecido nas comunidades como pessoa que detém e desenvolve amplo e denso saber; tem autoridade local por esse saber e é responsável pela transmissão formal e informal dos conhecimentos tradicionais de cada cultura³.

Em 2010 foi, então, inaugurada a disciplina Encontro de Saberes no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, coordenada e produzida pelo INCTI e patrocinada

pela então Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural/ SID/ Minc. Foram trazidos mestres e mestras de comunidades indígenas, quilombolas, das culturas populares tradicionais de diferentes regiões do país; e junto com professores e professoras de diferentes áreas do conhecimento e departamentos (Antropologia, Arquitetura, Artes Cênicas, Música, Ciências Ambientais, Enfermagem) elaboraram ementas, programas, cronogramas e dividiram a sala de aula trazendo aos estudantes a experimentação da perspectiva intercultural, pluriépistêmica, pluriétnica, transdisciplinar.

Desde o INCTI/UnB, com o apoio do MinC houve uma significativa expansão, concretizada em 2015 quando foi realizado em mais cinco universidades. Desde então, o movimento foi se expandindo territorial, conceitual e pragmaticamente em diferentes frentes, catalisando demandas e articulando ideias e iniciativas em várias universidades brasileiras. A partir da experiência inicial na Universidade de Brasília, o Encontro de Saberes foi se conformando como movimento e hoje já totalizam 18

³Ver Carvalho 2020d; Carvalho e Vianna 2020.

universidades brasileiras que implementaram a experiência: Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal do Vale do Vale do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Cariri (UFCA); Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB); Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Universidade Federal de Tocantins (UFT) e Universidade Federal de Goiás (UFG). No plano internacional, foram oferecidas disciplinas na Universidade da Música de Viena, Áustria e na Pontifícia Universidade Javeriana de Bogotá, na Colômbia. E várias outras

universidades estão em diferentes estágios de implementação.

O Encontro de Saberes está em franca expansão como um movimento no Brasil e, também, no exterior. E verifica-se a formação espontânea de uma ampla rede de professores (as), mestres(as), pesquisadores (as) e estudantes. São várias universidades nas 5 regiões do país, 147 professores/as parceiros/as; 243 mestres e mestradas; cerca de 3.500 estudantes formalmente matriculados nas disciplinas. Para além das 18 universidades que já implementaram efetivamente a proposta, pelo menos mais 20 já estabeleceram interlocução com o INCTI e estão em diferentes estágios da implementação da proposta.

Nos últimos 3 anos, observou-se expansão do Projeto Encontro de Saberes nas Universidades, não obstante a situação de exceção causada pela pandemia de COVID 19 que assolou o mundo desde março de 2020. Foram grandes os desafios na adaptação do planejado para a realidade que se impôs. E necessária uma invenção ou adaptação ao trabalho domiciliar/remoto tendo em vista a restrição de circulação;

adaptação ao aprendizado; apropriação das tecnologias e habilidades de interação virtual da rede de professores, mestres e alunos nas diferentes universidades. Foi, assim, avaliada a viabilidade, possibilidades e, também, os limites do formato virtual para o Encontro de Saberes – posto que é imprescindível que se gere o impacto da relação presencial com os mestres/as para docentes e estudantes, bem como o impacto para os mestres (e suas comunidades) do seu deslocamento e presença na universidade.

Além de ministrarem disciplinas, cada vez mais mestres e mestradas estão atuando em grupos de pesquisa, participando de bancas, palestras, seminários e orientações. A proposta do projeto mantém afinidades com as perspectivas transdisciplinares, o que não é corrente nas grades curriculares e nos procedimentos dos diversos cursos das nossas universidades eurocêntricas, de formato humboldtiano, baseado nas especialidades disciplinares. A construção de cada encontro, em cada disciplina e atividade acadêmica, demanda um esforço do professor em

romper com as suas fronteiras disciplinares de modo a construir uma interlocução produtiva com o mestre como seu parceiro de curso e com os estudantes.

Os mestres e mestradas que participam do projeto são, em geral, ao contrário dos especialistas acadêmicos, polímatas – detêm conhecimentos em diferentes áreas do saber. E atuam junto com professores/as parceiros/as, que em geral detêm conhecimentos acadêmicos especializados em áreas com fronteiras bem demarcadas. Assim, cada edição do Encontro de Saberes coloca para os professores/as parceiros/as o desafio de construir a interface dos saberes tradicionais com algumas áreas dos conhecimentos acadêmicos. E o desafio posto à academia é superar o nível disciplinar e alcançar ou, ao menos, vislumbrar a perspectiva inter/transdisciplinar e polímata do/a mestre/a; que mesmo na condição de professor/a substituto ou visitante – portanto, temporário – coloca-se como referência para um rearranjo epistêmico do funcionamento do nosso ensino superior.

Encontro de Saberes nas Universidades 2010-2022

2010	2012	2014	2015	2017	2019	2020	2021	2022
UnB	PUJ (Pontifícia Universidade Javeriana - Colômbia)	UFMG UFJF UFSB UFPA UECE UFCA	UFRGS	UFF	UFRR UFRJ UFVJM	UNILAB	UNIRIO UEMG UNIFESP	UFG UFT

18 Universidades Brasileiras:

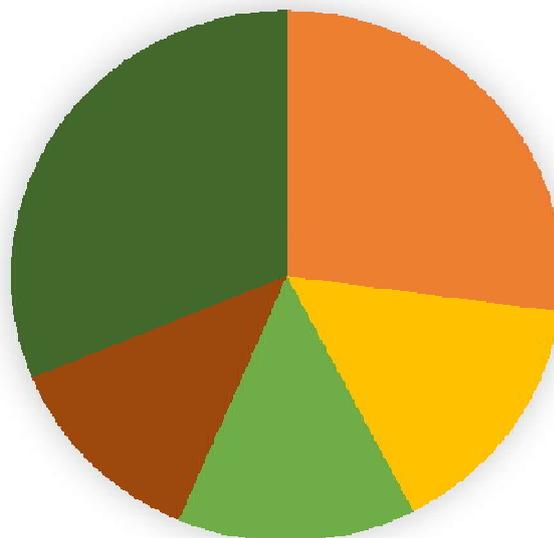
UnB,
UFMG, UFJF, UFMG, UEMG,
UNIFESP, UFRGS,
UFF, UNIRIO, UFRJ,
UFRR, UFPA, UFSB
UFCA, UECE, UNILAB, UFT e UFG.

243 Mestres/as
147 Professores/as
3.500 Alunos



COMUNIDADES DE PERTENCIMENTO DOS 243 MESTRES E MESTRAS

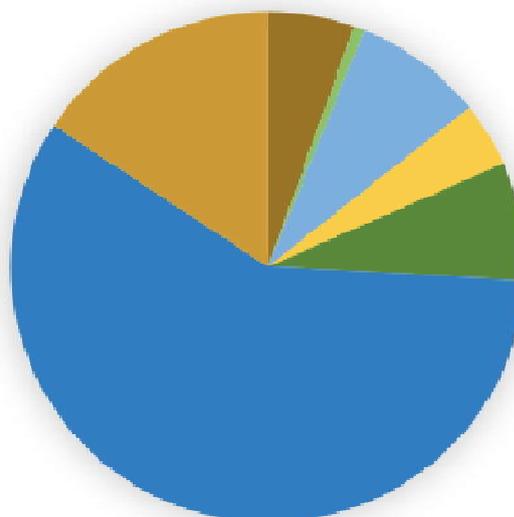
- **Indígenas:** Ashaninka, Pancararú, Guaraní Mbyá, Huni Kuin, Kanindé, Ka'apor, Kaçowa, Kamayurá, Krahô, Matipú, Maxacali, Pataxó, Pitaquary, Tremembé, Tukano, Kubeo, Xavante, Yanomami, Yawalapiti, Ye'kuana 66 (27%)
- **Comunidades de Terceiro:** Candomblés Kato, Jeje, Nagô, Angola; Umbandas 37 (15%)
- **Quilombolas:** Saco Curtume (PI) Cuzlaneira (PI), Itacaré (BA), São José (RJ), Namastê (MG), Carrepatos de Tabatinga (MG), Luízes (MG), Mato do Tição (MG), Cedro (GO), Kalunga (GO), Alpes (RS) 34 (14%)
- **Comunidades de agricultores, extrativistas e pescadores:** 30(12%)
- **Agrupamentos rurais e urbanos em torno de tradições populares:** Reisado, Folias, Bumbas, Cavalo Marinho, Congado, Cantorias, Repente, Cordel, Pássaros, Jongos, Sambas, Carimbó, Capoeira, Maracatu, Pastoril, Coco 76 (31%)



COMUNIDADE DE PERTENCIMENTO DE 147 PROFESSORES E PROFESSORAS *

*conforme classificação do CNPq

- Ciências Exatas: Matemática (1); Física (1), Ciências Biológicas(6) = 8 (5%)
- Engenharia: Engenharia aeroespacial; 1 (1%)
- Ciências da Saúde: Educação Física (7); Enfermagem(4); Nutrição(1) = 12 (8%)
- Ciências Agrárias: Agronomia(1); Veterinária(1); Zootecnia; Ciências ambientais(1) = 6 (4%)
- Ciências Sociais Aplicadas: Arquitetura; Ciência da informação; Museologia; Comunicação; 11 (7%)
- Ciências Humanas : Antropologia (29); Estudos culturais(1); Etnomusicologia (14); História (9); Geografia (8); Psicologia (7); Educação (14) = 86 (59%)
- Linguística (2), Letras (6) e Artes (13)= 23 (16%)



No processo de expansão e desenvolvimento da proposta ocorreram alguns desdobramentos significativos da presença de mestras e mestres ao lado de professores e professoras nas disciplinas, tais como: **a)** inovação curricular: criação de disciplinas, ementas de programas na graduação, pós graduação e extensão; **b)** publicação de livros de mestres e mestras; **c)** ampliação dos espaços de

participação de mestres e mestras nas esferas públicas de produção e difusão de conhecimento, como congressos, conferências, seminários, oficinas; bancas; **d)** a conformação do Encontro de Saberes como campo de estudos, para além de uma política específica no ensino superior – o que é verificado nas publicação de artigos e dossiês; bem como a elaboração de teses, dissertações e monografias sobre o

movimento; e) desenvolvimento de instrumentos, procedimentos e métodos no âmbito da burocracia da administração universitária para viabilizar a inclusão de mestres e mestradas no ambiente acadêmico em posições equivalente ao do docente; como por exemplo: e.1) Epistemômetro – um método de avaliação do grau e qualidade da inclusão epistêmica nos currículos acadêmicos; e.2) Mapeamento de mestres e mestradas; e.3) implementação do instrumento de titulação do Notório Saber aos mestres e mestradas dos saberes tradicionais – já implementado em algumas universidades.

A outorga do título de Notório Saber se dá quando um Conselho Universitário admite que o saber dos mestres tradicionais seja equivalente ao de um doutor acadêmico. E é um dos meios mais eficazes e efetivos de reconhecimento e contratação daqueles que não são portadores de diploma de mestrado e doutorado no âmbito da estrutura universitária. Até o momento da escrita deste texto temos o seguinte panorama da implementação do instrumento do Notório Saber de Mestres e Mestradas

na Rede do Encontro de Saberes: 04 Universidades já têm o Notório Saber Aprovado: UECE, UFMG, UFSB, UFRGS; 06 Universidades federais estão com o Notório Saber em processo de aprovação: UFF, UFRJ, UFVJM, UEPB, UNILAB, UFRB; 15 mestres titulados na UFMG até o momento; 146 Mestres Titulados na UECE - 96 vivos no momento; 45 *in memoriam* (o notório saber de mestradas e mestradas na UECE é vinculado à titulação de mestres e mestradas por política estadual de reconhecimento)⁴.

Na realização da proposta do Encontro de Saberes é fundamental que seja proporcionado o lugar de equivalência entre mestres/as e professores/as. Assim, é fundamental que mestres e mestradas sejam remunerados como professores visitantes, conforme as tabelas da CAPES e CNPq, pelo tempo de dedicação e trabalho em cada edição da disciplina; levando-se em conta que o trabalho vai além das aulas propriamente, pois previamente às aulas, elaboraram com os professores

⁴Sobre o Notório Saber ver CARVALHO 2020; GOULART 2021.

(as) parceiros (as) dos diferentes departamentos, os programas dos módulos de aula específicos que irão ministrar.

Na dimensão operacional, a realização dos módulos das disciplinas do Encontro de Saberes exige uma produção *sui generis*, tendo em vista a estrutura da administração universitária corrente – tanto em termos de remuneração dos mestres/as, quanto em termos de espaços e logísticas. E, não fosse pela estrutura administrativa-financeira própria do INCTI, não teriam sido viáveis as primeiras experiências até 2014. Sabemos que na norma vigente não é possível, ou fácil, remunerar como professor visitante mestres e mestras sem diploma; justificar passagens e diárias para os mesmos e seus assistentes; adquirir materiais pouco comuns na rubrica “instrumentos pedagógicos”. A realização do Encontro de Saberes só se torna plenamente viável, então, com um rearranjo dos procedimentos institucionais para que pessoas não diplomadas, muitas analfabetas, também possam lecionar ao lado dos professores doutores. De fato, não é simples trazer os mestres e mestres,

sem titulação e muitas vezes com nenhum ou pouco letramento, para dentro da universidade em posição equivalente à de professores e professoras. Assim, para essa presença acontecer e se estabelecer como processo descolonizador da ciência e da academia, é condição alterar o *modus operandi* da administração universitária – isto é, transformar o aparato burocrático da instituição.

A transformação da universidade se dá, então, em duas frentes: epistêmica e administrativa. E muito esforço deve ser continuamente empreendido na direção da formulação de instrumentos normativos para garantir a viabilidade de realização do Encontro de Saberes enquanto uma política de Estado – tanto em garantias de recursos quanto em termos da formulação das normativas e marcos legais que sustentem a presença dos mestres e mestras na docência e pesquisa.

Enquanto essa inovação no plano burocrático administrativo ainda não se consolida como uma formulação da política de Estado, estruturada no plano do ordenamento jurídico federal, as universidades que

vêm implementando o Encontro de Saberes têm encontrado suas próprias estratégias e táticas de execução; tanto na garantia de orçamento, quanto na gestão administrativa de cada edição. Os recursos podem vir de dotações da própria universidade, em programas de extensão por exemplo; ou também via emendas parlamentares. A gestão administrativa financeira pode ser no âmbito da própria universidade/departamento; ou via fundações universitárias, por exemplo. Cada universidade tem criado o seu próprio arranjo interno; e em algumas já foram consolidados meios de institucionalização e continuidade efetiva da proposta ao longo dos anos, como é o caso da UFMG, UFSB, UFRGS, UFF, UFVJM, que criaram condições básicas da gestão no âmbito das Pró-Reitorias e da administração central, e continuam desenvolvendo experiências e mecanismos que proporcionem a realização da disciplina.

A experiência concreta do Encontro de Saberes consolidou uma perspectiva para a inclusão de mestres e mestras dos saberes tradicionais populares, indígenas, de matrizes africanas; complementando, de modo

específico, as políticas de educação intercultural, inclusão nos currículos do ensino fundamental dos temas das histórias e culturas indígenas e afro-diaspóricas. E é complementar às políticas de inclusão étnico racial por meio dos sistemas de cotas na discência, docência e serviço público. A proposta responde ao *espírito do tempo*, no qual é premente não só uma inovação científica, mas uma verdadeira revolução na instituição universidade; que pela opção histórica pela exclusividade do pensamento e ciência ocidental moderna, eurocentrada e integrada ao projeto imperialista neoliberal, está extremamente limitada e com um horizonte estreito, pois é essencialmente monoepistêmica, monoétnico-racial, monológica, empobrecida tendo em vista a pluralidade epistêmica e étnico-racial verificada em nosso país, continente e planeta⁵.

*

Numa primeira mirada, o Encontro de Saberes é aparentemente um movimento de generosidade tranquila dos professores/as com os

⁵Ver CARVALHO, 2011.

mestres/as – no sentido de convidar e dividir espaço; fazer valer e demonstrar o paradigma do relativismo cultural; e dar a conhecer a diversidade cultural do país. Entretanto, genuinamente há um movimento individual e idiossincrático do professor/a que é mais denso e tenso. Implica em um reconhecimento de uma incompletude de seu saber especializado, focado e unidisciplinar, no máximo interdisciplinar – que, não obstante ser de grande dimensão e complexidade, é incompleto e insuficiente para as demandas por conhecimentos que se impõe nesses tempos. E a sua insuficiência leva a se posicionar de modo diferente: não é mais um/a sábio/a orientador/a onisciente pleno/a em autoridade, mas também aprendiz e parceiro/a do mestre/a – que também é um aprendiz/parceiro/a. Reconhecer a deficiência e incompletude de seu ser e seu saber diante de mestre/a detentor/a de outra epistême – de tradição oral, com outros paradigmas possivelmente incomensuráveis até – implica em grande esforço intelectual para apreender, apreender, produzir novos conhecimentos juntos, por meio

do encontro de paradigmas distintos, do diálogo interepistêmico.

E, há, ainda, a árdua luta junto aos pares acadêmicos, nas várias áreas do conhecimento e do debate acadêmico, no sentido de expor, explicar, legitimar e assegurar o espaço e o lugar do Encontro de Saberes no âmbito da produção científica em cada universidade em nosso país. Uma luta que exige a coragem de fazer a crítica explícita aos pares, ao lugar de acadêmico/a, ao *modus operandi*, ao empobrecido ambiente monológico e excludente que tem sido a universidade no Brasil. Porque, por um lado, a grande maioria dos acadêmicos/as e ambientes de ensino e pesquisa podem ser caracterizados pelo racismo, na medida em que são totalmente refratários aos conhecimentos não eurocêntricos e à presença de seus mestres – na grande maioria, não brancos. Retomando Garcia Linera (*op. cit*, 2020), estes são os reacionários à inclusão, convivência e pluralidade epistêmica. São estes que tradicionalmente colocam a distância entre pesquisador com autoridade científica e pesquisado/informante sem autoridade científica; e se sentem

ameaçados por uma possível desvalorização do seu capital étnico-racial-cultural-intelectual quando colocados diante da proposta da equivalência entre os saberes de epistêmes distintas. A perspectiva reacionária é individualista, racista, competitiva – e se opõe, então, ao que vai sendo construído e apresentado no Encontro de Saberes como experiências de comensalidade e compartilhamento, pensamento e prática contra capitalista, antirracista, cooperativa.

Por outro lado, no ambiente acadêmico existem pares dos professores/as parceiros/as do Encontro de Saberes que não são reacionários, mas justamente progressistas que fizeram escolhas e construíram trajetórias junto aos movimentos sociais, se engajaram, à esquerda, em movimentos antirracistas, lutas por direitos de povos e comunidades, grupos e segmentos sociais distintos, por direitos e equidade social, política e econômica; e somaram esforços nas conquistas progressistas do aparato legal do Estado. A maioria destes ainda não conhece o Encontro de Saberes. E é preciso o esforço dos/as

professores/as parceiros/as para interlocução sistemática na busca do apoio; pois todos os professores/as são potenciais aliados/as, não necessariamente no engajamento à proposta, mas na luta para a garantia da possibilidade e efetividade do Encontro de Saberes no ambiente acadêmico, suplantando a posição reacionária ainda dominante.

E professores e professoras parceiras no Encontro de Saberes têm, ainda, empreendido grande esforço para além da dimensão acadêmica, propriamente – que é movimentar a estrutura da administração universitária: a busca de caminhos, táticas de encaminhar o projeto nas brechas das normativas e burocracias que são impeditivas da entrada de pessoas muito provavelmente sem titulação acadêmica na condição de pesquisadores docentes. E não é incomum que para solucionar ou cortar o longo e complexo caminho dos trâmites, os próprios/as professores/as ainda tenham que bancar parte ou integralmente o projeto, pagando, trasladando e hospedando mestres.

Nesses 13 anos da implementação e consolidação do projeto nas universidades brasileiras,

algumas saídas e soluções institucionais foram implementadas de modo independente e criativos em cada caso, a partir da introdução do Encontro de Saberes como componente curricular estabelecidos e instrumentos e normativas específicas. E todos os esforços envidados, caso a caso, confluem para subsidiar a necessária ação sistemática junto ao Estado, ao Ministério da Educação, Ministério da Ciência e Tecnologia, no sentido de que sejam estabelecidas plenas condições orçamentárias e burocráticas, de forma contínua, para o alcance à todas as universidades que queiram se engajar – um esforço que vai além dos “muros” da administração de cada universidade e deve atingir a estrutura da administração pública.

*

Os professores e professoras parceiras do Encontro de Saberes são mobilizados por relações prévias com mestres e mestres e suas comunidades; e têm a vontade comum de construir experiências, vivências e possibilidades de outras formas de convivência que permitam encontros, cooperação, aliança, troca, afeto,

compromissos recíprocos de generosidade na busca do bem viver no âmbito da universidade – que nos médio e longo prazos vão reverberar para todos os habitantes no território comum chamado Brasil, pelo resultado de uma educação diferenciada e transformadora dos docentes e técnicos do Estado. O processo é de construção de alternativas ao modo de vida no capitalismo – ao modo de exaurir, explorar, matar e morrer no capitalismo. Por um lado, os professores/as parceiros/as e o ambiente acadêmico com seus laboratórios, bibliotecas, acervos, dispõem de todo um conhecimento acumulado de imensa magnitude, embora monológico; contraditório pois complexo, revelador dos mistérios, maravilhas e barbáries de um mundo construído sob seus próprios paradigmas – conhecimento que, paradoxalmente, encanta, deslumbra e desenvolve o mundo; mas, a um só tempo, desencanta, transforma e destrói este mesmo mundo.

Os/as mestres/as indígenas, quilombolas, de terreiro, assentamento e periferias urbanas trazem os conhecimentos ancestrais, tradicionais, desenvolvidos em seus

territórios, comunidades e grupos – conhecimentos que são construídos e transmitidos sob outros paradigmas, outras epistemologias que certamente trarão grandes ensinamentos sobre suas epistemologias, sobre complexidade e transdisciplinaridade⁶; sobre relações interespecíficas e manejos ambientais conservacionistas; sobre a espiritualidade e intervenção no mundo.

E os estudantes trazem o frescor da confiança na esperança, vontade da experimentação de outras possibilidades que não a apresentada pela universidade. Os/as estudantes trazem a crítica formulada ao ambiente acadêmico e a esperança de um tempo e um mundo não ameaçador e aterrador; onde se pode experimentar, conhecer e conviver com a diferença de forma harmônica e criativa. E levam a experiência para suas atuações profissionais como pesquisadores/as, docentes e técnicos/as no âmbito da política pública e iniciativa privada; e, assim, vão levando adiante as ações inter-relacionadas no movimento revolucionário, crescente e potente de

transformar as estruturas de Estado e do pacto civilizatório a partir da transformação do ambiente acadêmico.

Os triálogos entre professores/as, estudantes e os mestres/as dos conhecimentos tradicionais indígenas, quilombolas, dos assentamentos, dos povos e comunidades tradicionais e de terreiro trazem ao ambiente da sala de aula as bases para a criatividade, produção de conhecimento, inovação ou revolução científica, nos termos de Kuhn (2013). A partir da diversidade de paradigmas inspiradores trazidos pelos mestres e mestras, é possível ter esperança de construção das bases teóricas e práticas de um passo importante no processo de transformação social no sentido do Bem Viver – o qual é fundamentado em relações com a natureza de forma não destruidora, mas conservadora e respeitosa; de economia não geradora e mantenedora de pobreza e desigualdade social, mas com métodos desenvolvidos de produção de riqueza, compartilhamento e equidade econômica e política; não geradora de tristeza e depressão, mas de esperança, vitalidade e alegria.

⁶ Sobre transdisciplinaridade no Encontro de Saberes ver: CARVALHO 2020a; 2017.

O Encontro de Saberes demanda uma mútua e generosa escuta e troca entre mestres/as e professores/as, e destes com os/as estudantes, que implica em relação de profundo respeito e afeto entre os/as participantes. Trata-se de uma experiência de grande intensidade onde o tempo é aproveitado ao máximo, e muitas vezes para além da carga horária oficial. Não se mata o tempo, mas vive-se intensamente cada momento dos encontros – que promovem transformações objetivas e subjetivas em quem participa.

O Espírito do Tempo

A sociedade brasileira, enquanto projeto nacional, está fraturada e agonizante pela desigualdade brutal, violência e conflito permanentes; bem como pela predação e comprometimento do substrato territorial - refém do imperialismo e de um Estado que não incorpora e não reflete a diversidade e complexidade de nações indígenas, povos e comunidades tradicionais, segmentos e grupos sociais urbanos em sua estrutura e políticas de gestão do meio ambiente. Vivenciamos na América Latina a hegemonia de um

específico modo de vida que se sustenta pelo aniquilamento e silenciamento da pluralidade epistêmica, pela opressão à diversidade sociocultural; pelo prejuízo intenso à biodiversidade; pela produção da pobreza e desigualdade, de maneira a manter a subserviência ao capitalismo, imperialismo e neoliberalismo⁷.

Garcia Linera (2020:153) observa, entretanto, que não obstante a precarização da vida gerada pela produção da pobreza imposta pelo capitalismo em nosso continente, existem movimentos na América Latina que expressam vontade e esperança de destino comum diferente, que estão postos em marcha e são organizados e confluentes em lutas e conquistas em relação ao modo de composição cultural, política e material dos Estados nacionais. O Encontro de Saberes conforma-se como um movimento que responde ao espírito do tempo dos processos

⁷Sobre capitalismo, imperialismo e neoliberalismo na América Latina ver: Sobre capitalismo, imperialismo e neoliberalismo ver: 9 tesis sobre el capitalismo y la comunidad universal; in Garcia Linera ¿Qué es una revolución? y otros ensayos reunidos. 2020. p. 137-147.

revolucionários contemporâneos, cada um com suas dinâmicas próprias, nos países de nosso continente – tal como enuncia Álvaro Garcia Linera (op. cit.) ao definir e teorizar o que é uma revolução e nos apresentar o resultado do processo revolucionário que levou a alcançar a viabilidade do Estado Plurinacional da Bolívia que está em processo de construção. Nesse sentido, conforme CARVALHO e VIANNA (2020, p. 37):

[...] o Encontro de Saberes conecta-se com a crise epistêmica profunda, presente em todo o mundo, do modelo acadêmico eurocêntrico moderno e expressa o espírito do nosso tempo, marcado pelas iniciativas, em todos os continentes, de retomada dos saberes tradicionais, ancestrais, originários, indígenas – encarnados, no caso das nossas universidades, nos seus mestres e mestras.

O movimento Encontro de Saberes concretiza, assim, a proposta de descolonização da práxis acadêmica com experiência de ensino, aprendizagem, pesquisa científica e gestão administrativas por meio do fundamental e difícil exercício da convivência respeitosa com a diferença, com o diverso, com o plural.

É um movimento que, nos curto e médio prazos, vai induzindo a transformação da universidade em pluriversidade; na medida em que promove a necessária transformação epistêmica, dos currículos e da formação, por meio da presença de mestres e mestras das culturas tradicionais em posição equivalente à de professores e professoras. E promove também a transformação na gestão política e técnico-administrativa na universidade para viabilizar a transformação epistêmica/curricular. A **meta** é a expansão do movimento para as e nas universidades em sua diversidade de institutos, departamentos, cadeiras de maneira eficiente e criativa. E o **objetivo** é transcender as fronteiras da universidade, posto que na medida em que a universidade é o lócus de formação de professores que transmitem os valores fundamentais da sociedade vinculada ao Estado-nação e, também, lócus de formação dos quadros técnicos e de pesquisadores que servirão ao Estado-nação, mesmo na iniciativa privada. Espera-se, então, que nos médio e longo prazos sejam transformadas as estruturas e *modus operandi* do

Estado e do pensamento social acerca do novo pacto nacional que tem que ser construído em nosso país.

É alvissareiro perceber o fluxo de transformações que tendem a acontecer na direção de uma revolução e um novo pacto civilizatório em nosso país; e refletir como o Encontro de Saberes está integrado a este processo. Entretanto, é proporcionalmente preocupante e digna de atenção a força dos movimentos reacionários contrarrevolucionários que também se observam na nossa história enquanto país – sobretudo recentemente. Vislumbrando este quadro, a rede do Encontro de Saberes – conformada por professores/as, mestres/as, estudantes de diferentes universidades – tem convicção, empenho e esperança no processo de transformação posta em marcha por este movimento.

Segundo Álvaro Garcia Linera no livro *¿Que és una revolución? y otros ensayos reunidos* (2020), a revolução é um processo permanente de lutas, rupturas e transformação das estruturas estatais para o atendimento das demandas dos segmentos sociais que conformam a nação; e em

especial, nos caso dos países da América Latina, da inclusão dos saberes e das pessoas dos diversos grupos étnicos-raciais, classes, segmentos e culturas, na idealização e gestão das políticas no interior do próprio Estado. Como se dá em Bolívia, a revolução alcançada é o esforço permanente da construção e manutenção de um Estado pluriétnico-racial, pluricultural, plurinacional, conformando uma “identidade nacional composta”. Implica na transformação da mentalidade da sociedade plurinacional como um todo e transformação em toda a estrutura da ,máquina de Estado; de modo que o Estado não mais reproduza e assegure a hegemonia étnico-racial-cultural eurocêntrica coadunada com o neo-liberalismo capitalista, mas reflita a pluralidade em sua estrutura e *modus operandi*.

A revolução descolonizadora, segundo Garcia Linera (*op. cit.*), se dá com a participação igualitária da pluralidade de povos, nações e cosmologias na formulação e gestão das políticas e estrutura do Estado, para consolidar a luta comum contra o capitalismo – que coloniza e homogeneiza o mundo, transformando

tudo e todos em força produtiva e mercadoria. Essa transformação não é fácil e tranquila, pois não se trata de trazer meramente representações de povos e comunidades não brancas para assumir cargos e funções no Estado; mas transformar o aparato e lógica operacional de Estado de acordo com as perspectivas civilizatórias de cada cosmologia distinta. Esse processo causa abalos análogos aos movimentos tectônicos de grande amplitude no interior da Terra, que transformam sua superfície estruturalmente, de dentro para fora. E tais abalos, no campo social, geram resistências e movimentos contrarrevolucionários/reacionários, tal como se deu em Bolívia e, também, aqui em nosso país.

No Brasil, apesar de incontestáveis avanços nas lutas dos movimentos sociais e algumas mudanças no aparato estatal, não chegamos ainda à conformação de estrutura estatal de base plural voltado ao Bem Viver como em Bolívia. E nos últimos anos, pudemos testemunhar a virulência reacionária. Daí a necessária e permanente mobilização, atenção e habilidade política no movimento das pessoas que compõem

a Rede do Encontro de Saberes. Sob essa perspectiva, podemos compreender o movimento do Encontro de Saberes como um microcosmo integrado a um processo revolucionário em marcha.

*

Garcia Linera observa que as revoluções, tal como a boliviana, não acontecem abruptamente; se dão em processos históricos de tomadas de consciência, mobilização e lutas em diferentes dimensões da vida social. A revolução acontece, por um lado, na perspectiva que ele chama de gramsciana, de mudança de mentalidade e paradigmas na ordem da cosmovisão da sociedade; e, por outro lado, na perspectiva que ele chama de leninista, de tomada de espaços estratégicos no território – no caso, dentro do Estado, pela ocupação e transformação do aparato político-burocrático estatal.

No nosso caso, a história da conformação do Estado-nação no Brasil, desde a colonização à instauração da república, foi vivida em processos extremamente violentos, racistas, de intensa exploração e subordinação de povos e comunidades

originários e povos da diáspora africana por uma elite política e econômica branca, de ascendência e cultura europeia, integrada à manutenção do modo de produção capitalista. E a resistência e os movimentos sociais, indígenas, negros, de povos e comunidades tradicionais, bem como da classe trabalhadora organizada como um todo, se mostraram presentes e constantes na luta por justiça social, equidade econômica e reconhecimento cultural. Ocorreram inúmeros genocídios e epistemicídios; entretanto, a diversidade étnica e cultural, bem como a luta de classe, persistiu como resistência e questionamento da hegemonia da elite branca-eurocêntrica-capitalista.

Os movimentos sociais e os episódios da história marcantes desses processos de constituição do Estado-nação mostram que, não obstante a elite dominante opressora que controla o aparato do Estado ser branca-eurocêntrica racista, nem todas as pessoas brancas da população coadunam inteira e incondicionalmente com essa elite. E os movimentos progressistas em defesa de direitos sociais em geral, foram, também,

compostos por segmentos de indivíduos brancos anticapitalistas e na maioria antirracistas (que se dizem de esquerda) que lutam ao lado dos segmentos das populações de negros e indígenas. O contexto do final do século XX e início do século XXI no Brasil foi profícuo e fértil – em termos desses movimentos transformadores do aparato de Estado, em torno de reconhecimento da diversidade cultural, definição de direitos e espaços de participação dos segmentos sociais junto ao Estado – para que chegássemos em 2010 com a formulação e implementação de uma proposta como a do Encontro de Saberes. Destacamos, nesse sentido, o amplo debate – realizado por povos e comunidades indígenas, quilombolas dentre outros, segmentos e movimentos sociais diversos, intelectuais e políticos – promovido em torno da Assembleia Nacional Constituinte e promulgação da CF/88 – na qual estão estabelecidos os direitos sociais e culturais com base na valorização e respeito aos diversos povos e suas culturas presentes no território brasileiro.

Nesse processo, no âmbito da Educação, podemos observar um

grande esforço de regulamentação da CF/88 com a formulação e aplicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação/LDB em 1996; na qual já são apontados alguns instrumentos de abertura para outras cosmologias que não a de matriz europeia fossem minimamente incluídas nas grades curriculares do ensino formal, como se observa no Artigo 26.A – o qual trata da inclusão das referências das culturas afro-brasileiras na educação formal ; Artigo 43, em especial os Parágrafos III, IV,VII, que trata da inovação curricular; e no Artigo 78 relativo à educação intercultural e bilíngue para povos indígenas. Os princípios constitucionais e os princípios da LDB foram sendo aprimorados, regulamentados e implementados por meio de legislação de regulamentação e complementação – as quais também respondem à dinâmica dos movimentos sociais e aos embates reacionários. A proposta do Encontro de Saberes encontra nos artigos 215 e 216, dentre outros, da CF/88, na Lei de Diretrizes e Base da Educação/LDB/96 (Lei n. 9.394/1996) e nas leis de regulamentação subsequentes (como as Leis 10.639/03, 11.645/08; bem como o

Decreto 3551/2000) a base legal para ancorá-la e justificar a necessidade de ampliação dos horizontes epistêmicos no ensino formal com a presença ativa de mestres e mestras das tradições culturais indígenas, afro-brasileiras e populares⁸. Entretanto, ainda há necessidade de um desenvolvimento e aprimoramento do aparato legal no âmbito do Estado, no sentido de garantir o desenvolvimento da proposta do Encontro de Saberes na plenitude e dinâmica.

*

Observamos que o Encontro de Saberes é implementado e expandido no Século XXI, no âmbito da formulação e gestão de política de Estado no Governo Popular – nos mandatos eletivos do Presidente Lula da Silva (2003-2010) e de Dilma Rousseff (2011-2016). O Encontro de Saberes conflui com outros movimentos que são causa e consequência da dinâmica histórica da “sociedade brasileira”. Destaco que o Encontro de Saberes é movimento do século XXI que conflui com dois outros processos na luta antirracista e de

⁸Ver VIANNA 2020.

transformação da universidade (e da sociedade): os sistemas de cotas raciais nos processos de seleção na discência e docência (nos bacharelados e licenciaturas da graduação e nos programas de pesquisa e pós-graduação), e para os cargos administrativos do serviço público. Por um lado, os sistemas de cotas trazem estudantes e professores indígenas e negros; por outro lado, o Encontro de Saberes traz cosmologias indígenas, de matrizes afro-brasileiras e populares sincréticas. Esses processos de inclusão étnico-racial e epistêmica são distintos e complementares.

José Jorge de Carvalho (2022b) observa muito bem que a inclusão de quadros técnicos e docentes negros/as e indígenas não corresponde, necessariamente e em geral, à inclusão de epistemologias dos diversos povos e comunidades de diferentes tradições culturais de matrizes indígenas e afro-brasileiras nos procedimentos, nos currículos e nas pesquisas cultivados nos ambientes universitários. Historicamente, a universidade brasileira se constituiu na perspectiva colonizada, subordinada e dependente

da episteme e estrutura eurocêntrica – resultado do processo colonizador imperialista e à serviço do capitalismo. Desse modo, mesmo as pessoas indígenas e negras que ingressam na universidade nas diferentes posições têm sido formadas no modelo monoepistêmico; e o sistema de cotas, por si, não garante a inclusão epistêmica – que é possível apenas com a presença dos mestres e mestras nas diversas tradições culturais em nosso país.

O Encontro de Saberes é, assim, proposta de elaboração e amadurecimento de métodos e instrumentos de realização pragmática das ideias formuladas acerca da necessidade da descolonização do pensamento nos ambientes acadêmicos – sobretudo nos países que historicamente foram colonizados e integrados à geopolítica do imperialismo capitalista. Carvalho observa que o Encontro de Saberes promove uma transformação no âmbito dos agentes que fundamentam a academia. Por um lado, a agência por trás da revolução científica de Isaac Newton se sustentou em três bases: as corporações mercantis – na escala intercontinental, as instituições

estatais – que controlavam a universidade e foram fortemente influenciados pelas corporações mercantis, e os acadêmicos, como o próprio Newton – fortemente influenciado pelas duas instâncias anteriores. Estas são bases da ciência moderna que perduram na academia científica desde então – que se fechou no eurocentrismo e exclusão epistêmica. No caso do Encontro de Saberes, as condições que o fazem possível não se baseiam em uma perspectiva intelectual abstrata, teórica, de descolonização propalada entre intelectuais, mas é em si agência concreta de superar o monologismo epistêmico, não em três, mas em quatro bases: o Estado, a universidade, as comunidades, os mestres (CARVALHO, 2021, p. 202).

À luz da teoria da revolução de Garcia Linera, – e guardando as devidas proporções e especificidades dos processos (um país, a Bolívia; e uma instituição do Estado Brasileiro, a universidade) – no caso do movimento Encontro de Saberes vemos o processo revolucionário se dar no âmbito da mudança de paradigma na universidade: 1) de uma universidade mono para uma universidade

pluriepistêmica com a inclusão de mestres tradicionais na docência; 2) no âmbito da ocupação dos espaços físicos pelos indígenas, quilombolas, pessoas oriundas dos povos e comunidades tradicionais e de terreiro, e da classe trabalhadora das periferias urbanas pelo sistema de cotas ; 3) bem como pela pressão constante para a transformação (inicial e difícil) do aparato da burocracia da administração universitária, monológica, engessada e refratária à presença de não brancos/as e de não possuidores de letramento científico como mestres e mestras na docência e pesquisa em posição equivalente à de professor/pesquisador.

*

O Encontro de Saberes é um movimento de inovação crítica do pensamento e da práxis acadêmica na direção de universidade pluriepistêmica – ou pluriversidade acadêmica – que abarca a significativa diversidade de epistemologias, para além das ocidentais eurocentradas tradicionais e modernas dominantes que limitam os conhecimentos, as compreensões e soluções para a vida no território extremamente complexo, de grande diversidade biológica,

ecológica e de povos e culturas humanas. Pressupõe-se que a proposta trazida pelo Encontro de Saberes para a implementação de universidade pluriépistêmica nos bacharelados, licenciaturas, pós-graduação e pesquisa formará profissionais que atuarão com horizontes bem mais amplos e complexos de saberes e possibilidades criativas para as soluções e inovações políticas e nas ciências em nosso país.

A convivência dos estudantes, professores e pesquisadores com mestres e mestras de notório saber em outras tradições epistêmicas é um meio de legitimação da autoridade e competência que estes sábios e sábias têm para participar da elaboração, aplicação e avaliação das políticas públicas. Isto é: o reconhecimento do notório saber de mestres e mestras dos diversos povos e culturas no âmbito na academia científica deve dar segurança e subsidiar ações análogas de inclusão epistêmica nos ambientes da gestão das políticas de Estado em geral. Se os mestres e mestras trazem muitos e densos saberes (e podem ensinar sobre meio ambiente, manejos e produção sustentável de alimentos

orgânicos, saúde, ciências exatas como matemática, engenharia, tecnologias, técnicas, artes diversas, filosofia, psicologia e tanto mais) podem e devem, também, participar da formulação, gestão, acompanhamento e avaliação de políticas públicas nas tantas áreas de conhecimento, de acordo com os paradigmas de suas próprias cosmologias. Devem estar presentes nas diferentes áreas do saber nas políticas públicas, atuando em diferentes ministérios e instituições de Estado; em diferentes posições da formulação e gestão: como conselheiros/as, consultores/as, pesquisadore/as, professores/as e gestores/as.

A proposta do Encontro de Saberes de inclusão epistêmica no ensino e na pesquisa tem como meta a transformação da universidade e como objetivo a transformação da sociedade. A transformação da universidade é a base para a proposta conseguinte e consequente de inclusão étnico-epistêmica nas políticas de Estado, por meio da participação direta destes sábios e sábias em todas as instâncias do arcabouço da máquina de Estado. Pretende-se que o país possa chegar

mais próximo da consolidação de soberania política, técnica e científica; e da justiça/equidade social, do Estado do Bem Viver.

*

Sabemos que as Ciências Naturais e Humanas sempre se valeram dos conhecimentos dos povos e comunidades tradicionais para o desenvolvimento de estudos, teses e acervos que alimentam e subsidiam o Estado em várias dimensões. Entretanto, há o aproveitamento desses saberes como mero recurso produtivo – dá-se uma expropriação, subordinação ao ponto de vista e interesse da elite dominante que controla o capital e aparato estatal. Os conhecimentos gerados pela ciência ocidental, bem como os conhecimentos gerados nas comunidades tradicionais, não passam de produtos que sustentam e implementam o colonialismo, o imperialismo, o capitalismo e o neoliberalismo contemporâneos. Segundo Garcia Linera (*op. cit.*, p. 128), o capitalismo se apropria de uma força produtiva ilimitada – que é a produção de conhecimento tanto dos povos e comunidades originárias e tradicionais, quanto o conhecimento

produzido na academia científica. E, nesse sentido, observa que os intelectuais cientistas, embora não se pensem enquanto classe trabalhadora, de fato a ela pertencem, na medida em que produzem conhecimento para o uso do Estado e das Empresas.

As universidades, os centros de produção de conhecimento nos países capitalistas, ao longo do século passado não proporcionaram a produção dos conhecimentos que dessem conta de controlar minimamente e mesmo reverter a catástrofe que é a subordinação da natureza, dos conhecimentos, da sociedade, da vida, ao capital. As universidades se desenvolveram no modelo monológico, monoepistêmico, monoétnico-racial, monocultural – excluindo e/ou destruindo paradigmas, modos de viver, vidas; ou canibalizando-os enquanto mera matéria de *acumulação primitiva perpétua* (GARCIA LINERA, *op.cit.*, p. 128, 131) engendrada pelo capitalismo contemporâneo; ou, dito de outro modo, o processo de canibalização dos conhecimentos tradicionais, segundo Carvalho (2004, 2010b). O que se observa é que o capitalismo atualizado no neoliberalismo dos

países europeus e Estados Unidos, chegou ao século XXI sem entregar o Estado de Bem Estar Social, prometido, garantido e propalado. A proposta neoliberal sustentada pela academia científica está falida e sem saída, e se sustenta pela inércia cínica e irresponsável de governantes e empresários que promovem a catástrofe da desertificação ambiental e a miserabilidade da humanidade e do planeta.

A mudança só pode ser feita pela revolução; pela transformação das estruturas do Estado a partir dos movimentos internos e externos, de modo que se abra para outras epistêmes, modos de gestão sociopolítica-ambiental, e a presença efetiva dos indivíduos pertencentes às comunidades tradicionais para que bem apliquem os conhecimentos delas oriundos na configuração e políticas de Estado. Trata-se de alcançar um estado de *isomorfismo social*, nos termos de Garcia Linera (op.cit:p 46): quando o Estado abarca, compreende em sua estrutura e *modos operandi*, a pluralidade sociocultural da sociedade com equidade. Nesse sentido, podemos pensar que, uma vez integrado ao sistema de cotas na

docência, discência, pesquisa, e administração da universidade, o Encontro de Saberes segue o sentido revolucionário do que poderíamos chamar de *estadoisomorfismo acadêmico/epistêmico*.

*

Os mestres e mestras dos saberes tradicionais, como observa Carvalho (2020d por exemplo) em geral são polímatos – elaboram, detêm e transmitem conhecimentos em várias áreas do saber sem os limites disciplinares comuns às ciências modernas. Na prática de aprendizado, cultivo, aplicação e transmissão de seus saberes exercitam a transdisciplinaridade. A transdisciplinaridade tem sido observada como um importante e necessário passo para o desenvolvimento da ciência moderna, tal como enunciado, por exemplo, por Edgar Morin (1998; 2001; 2005), Basarab Nicolescu (2000), Humberto Maturana (2000) e na Carta da Transdisciplinaridade (2000). Os mestres e mestras trazem à universidade o exercício da convergência de saberes das áreas que nós distinguimos como diferentes

disciplinas: Biologia, Ecologia, Geografia, Antropologia, Sociologia, Filosofia, Psicologia, dentre outras disciplinas. Entretanto, há uma imensa riqueza dos seus conhecimentos; e o capitalismo sob aquiescência da academia científica, os condiciona à situação de pobreza imposta pelo ordenamento do Estado – que é excludente, racista, e que coloca os povos e comunidades tradicionais na “perpétua” posição de geradores da acumulação primitiva para o capitalismo se desenvolver na expansão técnico-industrial.

Segundo Garcia Linera, o capitalismo se apropriou de uma força produtiva ilimitada – que é o conhecimento humanos, tanto do conhecimento produzido pelos povos originários, comunidades tradicionais, quanto do conhecimento produzido pela academia científica (*op.cit.*, p 128...). O Encontro de Saberes é a disposição manifesta para a escuta atenta, e produção de conhecimentos que ampliem o universo epistêmico para um pluriverso, transdisciplinar, amplo e inovador, que traga questões e soluções para a reversão e desaceleração dos processos ecocidas, etnocidas, geradores de

pobreza, miséria, conflito e tristeza em nosso país, perversamente apresentado com Estado de Bem Estar Social . O capitalismo gera pobreza – e o movimento do Encontro de Saberes, por outro lado é integrado ao movimento revolucionário, anticapitalista na direção do Estado de Bem Viver.

No caso do curso da Revolução Boliviana e constituição do Estado Plurinacional, Garcia Linera conta que um dos movimentos mais fundamentais foi a tomada dos bens comuns usurpados pelo capitalismo na concretude corporal das elites não indígenas; e a formulação pragmática de modo de gestão compartilhada pelas diferentes etnias, mestiços e brancos no modo tradicional indígena do *Bem Viver*⁹ – perspectiva conservacionista e distributiva.

Cómo comenzamos nosotros em Bolivia? Por temas básicos de sobrevivencia, agua; y en torno al agua, que es una riqueza común que estaba siendo expropiada, el pueblo llevó a cabo una guerra, la recuperó para la población y luego recuperamos no solamente el agua, hicimos otra guerra social y nos

⁹Sobre Estado de Bem Viver ver: Socialismo comunitário del vivir bien; in Garcia Linera ¿Qué es una revolución? y otros ensayos reunidos. 2020. p. 153-158

lanzamos a recuperar el gas, el petróleo, las minas y las telecomunicaciones. Y falta mucho más por recuperar, pero, en todo caso, este fue el punto de partida, la creciente participación de los ciudadanos en la gestión de los bienes comunes que tiene una sociedad y una región. [...] Estaban usando lo común para salvar lo privado. El mundo está al revés, tiene que ser al revés: usar los fondos privados para salvar y ayudar a los bienes comunes, no los bienes comunes para salvar los bienes privados. Los bancos deben tener un proceso de democratización y de socialización de su gestión, porque si no los bancos les van a quitar no solamente su trabajo sino su casa, su vida, su esperanza y todo, y eso es algo que no se puede permitir. (op. cit., p. 146)

Na perspectiva do Encontro de Saberes, Carvalho⁸ observa também que além da polimatia/transdisciplinaridade, que por si deve ser conhecida e ensinada a partir de diferentes paradigmas, os mestres e mestradas trazem à universidade as *epistemologias dos cosmos vivo*¹⁰ – as quais compreendem conhecimentos que contrastam com a *epistemologia do cosmos inerte* próprio à ciência

cartesiana-humboldtina-capitalista: o cosmos passivo e transformado em recurso a ser infinitamente explorado. Segundo Carvalho, as epistemologias dos povos e comunidades populares tradicionais, guardando a singularidade de cada cosmovisão, têm algumas características comuns, tais como o desenvolvimento de integração e comunicação com os entes da natureza, animais, plantas, fenômenos como ventos, tempestades, marés... e, também, muitas vezes, com entes sobrenaturais, em todos os planos da vida cotidiana-ordinária e ritual- extraordinária. O cosmos vivo engendra relações em que o antropocentrismo é inexistente ou bem atenuado, pois não há os limites entre natureza e cultura, corpo e mente; e as relações interespecíficas se dão no âmbito da fenomenologia das relações em *comunidades híbridas* (Lestel et. al. 2006) de diferentes espécies e entes dos Reinos Animal, Vegetal, Mineral, Espiritual.

Nesse sentido, para além da transdisciplinaridade (tão importante de ser ensinada pelos mestres e mestradas aos pesquisadores/as professores/as e estudantes, tendo em vista o desenvolvimento científico e

¹⁰Sobre epistemologias do cosmos vivo ver CARVALHO: 2020b, 2022b; 2022c.

tecnológico), também é da máxima importância que mestres e mestras nos ensinem a viver e trabalhar na perspectiva das epistemologias do cosmos vivos, de modo a restaurar a ruptura do metabolismo do planeta provocada pelo capitalismo, como explicado por Marx nos *Manuscritos económicos y filosóficos de 1844* (2021), conforme Carvalho (2022b, p. 36, 37) e Garcia Linera (*op. cit.*, p.131). O Encontro de Saberes carrega a esperança e luta pela concretização do Bem Viver em nosso país, por meio de um pacto civilizatório baseado na convivência na pluralidade com equidade, respeito, autodeterminação; e geração de prosperidade, paz e felicidade para todos os seres vivos que habitam o nosso território.

*

O movimento revolucionário anticapitalista, antirracista, pluricultural, pluriepistêmico, segue em avanços, contra reacionarismos, percalços, revezes. O fluxo de transformações revolucionárias vai se dando lentamente em nosso país. Como mencionado anteriormente, a Constituição Federal de 1988, após décadas de ditadura militar a serviço

do imperialismo estadunidense, é um marco nesse processo; bem como a eleição e gestão consecutiva do governo de Lula da Silva no Partido dos Trabalhadores (2003-2016); e a retomada do governo em 2023 também foi outro marco importante. O reacionarismo sempre esteve vívido e forte na defesa dos princípios e valores racistas, ecocidas, capitalista. Sofremos, em 2016, um grave revés com o golpe parlamentar/judiciário que destituiu a presidente Dilma Rousseff, prendeu o então ex-presidente Lula da Silva; e elegeu a ultra-direita em 2019 – que desconstruiu toda a estrutura de Estado que vinha sendo construída paulatinamente, no fluxo do processo revolucionário. A luta é árdua. Por muito pouco Lula da Silva, com os processos que o condenaram tornados nulos, venceu a eleição em 2022. Seu governo, até a escrita deste texto, tem mostrado a manutenção pelo compromisso da inclusão étnico-racial nos cargos e políticas de Estado. O Encontro de Saberes, com a proposta de transformação pluriepistêmica, segue enquanto movimento em rede, fluindo, confluindo, buscando as brechas, os caminhos e encaminhamentos para que seja

efetivado enquanto ação estratégica de Estado, na luta anticapitalista, antirracista, para alcançar o Bem Viver de todos e todas que nasceram, vieram e vivem em nosso país.

Referências

ALBERNAZ, Pablo de Castro; CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes: Por uma Universidade Antirracista e Pluriepistêmica. *Horizontes Antropológicos*, ano 28, n. 63, p. 333-358, maio/ago. 2022.

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE. Comitê de Redação: Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu. In: *Educação e transdisciplinaridade*. USP/Unesco. 2000. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf000127511>. Acesso em: 30 mar. 2023.

CARVALHO, José Jorge de. "Espetacularização" e "Canibalização" das Culturas Populares na América Latina. *Revista Antropológicas*, ano 14, v. 21, n. 1, p. 39-76, 2010b.

CARVALHO, José Jorge de. El encuentro de saberes en las artes y las epistemología del cosmos vivo. In: *Virus, revueltas y crisis: lecturas de la pandemia COVID-19 desde las epistemología del cosmos vivo* / José Jorge de Carvalho ... [et al.]; editado por Javier Tobar. Buenos Aires: CLACSO; Popayán: Universidad del Cauca, 2022c. p.101-146

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e Descolonização: Para uma refundação étnica, racial e

epistêmica das universidades brasileiras. In: COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSSFOGUEL, Ramón (orgs.). *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 79-106.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes, Descolonização Transdisciplinaridade. Três Conferências Introdutórias. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo Gonçalves (orgs.). *Universidade Popular e Encontro de Saberes*. Brasília: INCT de Inclusão ; Salvador: EDUFBA, 2020a. p.13-56.

CARVALHO, José Jorge de. Encuentro de Saberes y Descolonización. Una Refundación Étnica, Racial y Epistémica de las Universidades Latinoamericanas. In: ORTEGAS, Antonio; TOBAR, Javier (orgs.). *Saberes Bioculturales*. En Pie de Re-Existencias Bioculturales en el Sur Global, Granada: Editorial Universidad de Granada, 2020c. p. 107-129.

CARVALHO, José Jorge de. Ethnomusicology and the Meeting of Knowledges in Music: The Inclusion or Masters or Traditional Musics as Lectures in Higher Education Institutions. In: *Transforming Ethnomusicology – Political, Social and Ecological Issues* (185- 206). Ed. Diamond B. & Castelo Branco S. Vol II. Oxford University Press, 2021.

CARVALHO, José Jorge de. Introducción. De la Epistemología Occidental a las Epistemologías del Cosmos Vivo. In: *Virus, revueltas y crisis: lecturas de la pandemia COVID-19 desde las epistemología del cosmos vivo* / José Jorge de Carvalho

... [et al.]; editado por Javier Tobar. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Popayán: Universidad del Cauca, 2022b. p. 21 - 78)

CARVALHO, José Jorge de. Los Estudios Culturales en América Latina: Interculturalidad, Acciones Afirmativas y Encuentro de Saberes. *Tabula Rasa*, n. 12, p. 229-252, 2010a.

CARVALHO, José Jorge de. Metamorfoses das Tradições Performativas Afro-Brasileiras: de Patrimônio Cultural a Indústria de Entretenimento. In: *Celebrações e Saberes da Cultura Popular*. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN, Série Encontros e Estudos, 2004. p. 65-83.

CARVALHO, José Jorge de. Notório Saber para os Mestres e Mestras dos Povos e Comunidades Tradicionais: Uma Revolução no Mundo Acadêmico Brasileiro. 52º Festival de Inverno da UFMG, Belo Horizonte. *Ensaíos Mundos Possíveis*, Belo Horizonte: DAC/UFMG, 2020d. p. 1-18. Disponível em: <https://issuu.com/culturaufmg> Acesso em: 30 mar. 2023.

CARVALHO, José Jorge de. Notório Saber para os Mestres e Mestras dos Cotas étnico-raciais e cotas epistêmicas: bases para uma antropologia antirracista e descolonizadora. *Mana*, PPGAS/MN, Rio de Janeiro v. 28, n. 3, 2022a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n3a0402> Acesso em: 30 mar. 2023.

CARVALHO, José Jorge de. O Encontro de Saberes nas Artes e as

Epistemologias do Cosmos Vivo. In: TUGNY, Rosângela Pereira; GONÇALVES, Gustavo (orgs.). *Universidade Popular e Encontro de Saberes*. Brasília: INCT de Inclusão ; Salvador: EDUFBA, 2020b. p. 475-507.

CARVALHO, José Jorge de. The Meeting of Knowledges in the Universities. A movement to decolonise the Eurocentric academic curriculum in Latin America. In: *Routledge Companion to Architectural Pedagogies of the Global South*, 69-78. New York: Routledge, 2023.

CARVALHO, José Jorge de. Transculturality and the Meeting of Knowledges. In: HEMETEK, Ursula; HINDLER, Daliah; HUBER, Harald; KAUFMANN, Therese; MALMBERG, Isolde; SAGLAM, Hande (orgs.). *Transkulturelle Erkundungen. Wissenschaftlich-künstlerische Perspektiven*. Viena: BöhlauVerlag, 2019. p. 79-94.

CARVALHO, José Jorge de. Uma Proposta de Estudos Culturais na América Latina: Inclusão Étnica e Racial, Transdisciplinaridade e Encontro de Saberes. In: ALMEIDA, Júlia; PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do (orgs.). *Estudos Culturais: Legado e Apropriações*. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 157-189.

CARVALHO, José Jorge de. Universidades Empobrecidas de Conhecimento. Entrevista concedida por José Jorge de Carvalho à Revista de História da Biblioteca Nacional. Cadernos de Inclusão 3. Brasília. INCTI/UnB/CNPq, 2011. Disponível em: http://www.academia.edu/29536690/Universidades_empobrecidas_de_conhe

[cimento.pdf](#). Acesso em: 21 abril 2021.

CARVALHO, José Jorge e VIANNA, Letícia. O Encontro de Saberes nas Universidades. Uma Síntese dos Dez Primeiros Anos. In: Encontro de Saberes; Transversalidades e Experiências. *Revista Mundaú*, UFAL, v. 1, n. 9, 2020.

CARVALHO, José Jorge; COSTA, Samira Lima da. Processos de transmissão: o ensino universitário e o encontro com mestras e mestres dos saberes tradicionais. In: MONTEIRO, Ana Claudia Lima. *Processos Psicológicos: Perspectivas Situadas*. Niterói: EDUFF, 2020. p. 26-55.

CARVALHO, José Jorge; FLÓREZ, Juliana. Encuentro de Saberes: Proyecto para decolonizar el conocimiento universitario eurocéntrico. *Nómadas*, v. 41, p. 131-147, 2014.

CARVALHO, José Jorge; FLÓREZ, Juliana. The Meeting of Knowledges: A project for the decolonization of universities in Latin America. *Postcolonial Studies*. Special Issue: Decoloniality, Knowledges and Aesthetics, v. 17, n. 2, p. 122-139, 2014.

CARVALHO, José Jorge; KIDOIALE, Makota; COSTA, Samira Lima da; CARVALHO, Emílio Nolasco de. Sofrimento psíquico na universidade, psicossociologia e Encontro de Saberes. *Sociedade & Estado*, v. 35, n. 1, p. 135-152, 2020.

FIGUEIREDO, Ana Flávia; VIANNA, Letícia C. R. O Encontro de Saberes e a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial. *Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas*

Urbanas e Patrimônio Cultural, v. 9, n. 17, p. 90-104, 2020.

Garcia Linera, Álvaro. ¿Qué es una revolución? y otros ensayos reunidos. Buenos Aires: CLACSO ; Prometeo, 2020.

GOULART, Bruno. Notório Saber para os(as) mestres(as): caminhos para o reconhecimento institucional dos saberes tradicionais. In: Encontro de Saberes; Transversalidades e Experiências. *Revista Mundaú*, v. 2, n. 9, 2021.

KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LESTEL, Dominique; BRUNOIS, Florence; GAUNET, Florence. Towards etho-ethnology and an ethno-ethnology. *Social Sciences Information*, 45, p. 155-177. 2006

MARX, Karl. (2001). *Manuscritos econômicos y filosóficos de 1844*. Juan Fajardo (coord.). Biblioteca Virtual Espartaco.

MATURANA, Humberto. Transdisciplinaridade e Cognição. *Educação e transdisciplinaridade*, USP/Unesco, p. 9-26, 2000

MORIN, E. *A Religação dos Saberes – o desafio para o século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

MORIN, E. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NICOLESCU, Basarab. Um novo tipo de conhecimento – transdisciplinaridade. *Educação e*

transdisciplinaridade, USP/Unesco, p. 9-26, 2000.

SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS CULTURAS POPULARES. São Paulo: Instituto Pólis ; Brasília: Ministério da Cultura, 2006.

VIANNA, Leticia C. R. O projeto Encontro de Saberes: Educação Patrimonial e inclusão epistêmica. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, Brasília, v. 7, n. 3, p. 202-207, 2020.